

De como veío ao mundo Félix Muriel

Los enigmas viajan con las estrellas.
Yo hablo de laberintos y de puertas cerradas,
y de lo mal testigo que es el hombre de sí mismo.
'Prueba de ello' es el hecho de que no pueda
dar razón sobre asunto tan importante como su
origen y nacimiento.

A lenda conta que na tertúlia onde o exílio republicano galego se reunía no Buenos Aires dos 40 do século pasado, um incerto día surgira o desafío. Cada sábado o Rafael tería que levar uma história ao Café Tortoni, onde sería lida. No prazo de dous meses entregaría uma série de contos para o prelo.

O nome. Seu pai, Eladio Dieste Muriel. Sua avó paterna, M^a Muriel. E na familia dela, um frade pintor, Félix Muriel, nome que durante a Guerra Civil empregaría Rafael como pseudónimo na revista Nova Galiza – boletim oficial dos Escritores Galegos Antifascistas na Barcelona de 1938. Alguém disse que era o alter ego de Rafael, um remedo; outros, o seu verdadeiro autorretrato.

O livro. Contra as amputações da inteligência, no meio de um grande vazio espiritual, lutando por derrubar os muros da angústia e a vulgaridade, em tempos aziagos demais -1943, Argentina-, enquanto o mundo estremecia de horror em outra guerra, aparecia Historias e invenciones de Félix Muriel. O desafio fora ganho.

De uma pessoa desterrada a outras, o livro era também uma viagem à memória da terra perdida (“Na Galiza não conhecem este desvelo, este desarraigo, este levar o país galego apaixonadamente na alma. Esta é apenas uma dor de desterrados e emigrantes”). Félix Muriel sería o impagável e belo presente a sua gente, a de Rianjo... a galega.

A língua. Ainda que não fosse a sua, o espírito era claro: escrevia em galego com verbo castelhano: fundamente nutrido nas antigas tradições e lendas do seu povo.

Félix Muriel escrevería, narraría, invenções anímicas, filosóficas, e

folclóricas. Amadureceria desde menino a moço carregando sempre com o fardo das saudades. Sensível demais, entregado à fantasia, e atento ao mistério que há entre o que achamos mais conhecido. Adorando a amizade, unido até as entranhas ao seu povo, a quem povoou sua infância, familiares, gentes de sua vila marinha. Sentindo-se parte de uma estirpe.

A Terra das Lembranças. Distante da Terra, Rafael, em Félix, afundava no seu passado, na procura do saber de si, da fraternidade, a compaixão e responsabilidade intimamente arraigadas na Guerra e Pós-Guerra. Na fantasia e escrita, honestamente, uma explicação que alumiar.

A memória atava, mas libertava. Félix Muriel estava cheio de personagens tão errantes quanto o seu criador. Podia odiar ou esquecer o tempo ido – para sempre perdido, desperdiçado-, mas procurando-o, sem se refugiar nele, talvez o recobrasse: aquele Rianjo onde se fundiam o lembrado com o sonhado e vívido: o Outrora no Então abraçados: intempestivamente.

A Estirpe. Não o indivíduo, mas a comunidade. Não a massa amorfa, mas a gente que vive na intimidade sua pequena ou grande tragédia, ilusão, alegria. Medos ocultos, visões mágicas de um universo de lendas no que quem lê, ou escuta, tem que encontrar a chave dos enigmas que Félix lhe apresenta... A misteriosa gente.

Licor de amizade. ‘El quinqué color guinda’. O lampião. O fim... Rafael, matemático, filósofo, sabia que Razão era instrumento perigoso para se acercar ao que há, que não deixava se aconchegar, desfigurando às vezes o que se pretendia desvelar. Sabia que no extremo último da ciência e a filosofia renascia o inexplicado: o menino Félix que apreciava na cor ginja de um lampião de petróleo um licor de amizade.